

DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

coordenação
FERNANDO CABRAL MARTINS



CAMINHO

Shi

DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

coordenação

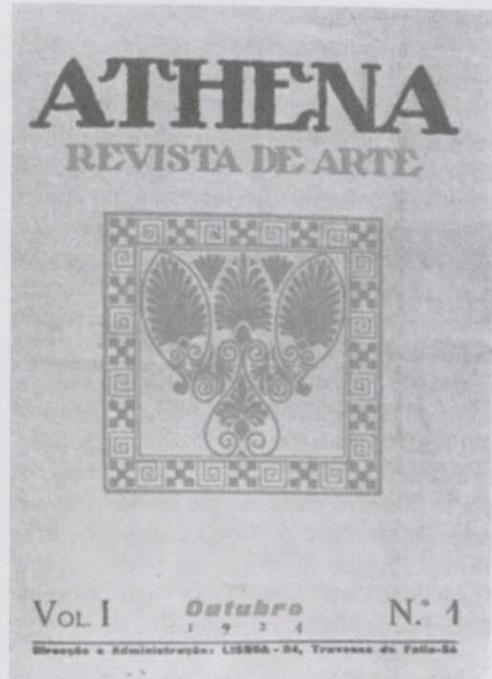
FERNANDO CABRAL MARTINS



CAMINHO

ATHENA. Revista de arte mensal, sai em Lisboa em Outubro de 1924 e chega aos cinco números, com direcção literária de Pessoa e direcção artística de Ruy Vaz. O penúltimo número de *Athena* sai em Janeiro de 1925, e o último, apesar de datado de Fevereiro, só sai de facto em Junho, o que pode ter a ver com a morte da sua mãe a 17 de Março.

Esta é a segunda revista de que Pessoa é director, dez anos depois da gloriosa catástrofe de *Orpheu*. E, se nesta tinha surgido sob o nome de Álvaro de Campos, além do seu próprio, em *Athena* virá a revelar finalmente os nomes de Ricardo Reis e Alberto Caeiro. É por isso que se pode dizer — para além da deliberada proximidade dos títulos — que há uma diferença substancial entre as duas revistas, a primeira de combate e escândalo, a segunda de explanação e construção — antes de tudo, da própria heteronímia como sistema de poetas. Este objectivo é realizado publicando conjuntos relativamente extensos de poemas deles. Assim, Ricardo Reis é revelado no n.º 1 com 20 composições: «Odes. Livro Primeiro». Alberto Caeiro publica duas «escolhas de poemas»: 22 poemas de *O Guardador de Rebanhos* no n.º 4, e 16 dos *Poemas Inconjuntos* no n.º 5. O método de apresentação dos heterónimos é igual ao dos autores: não liga editorialmente nenhum dos três heterónimos a Pessoa (como acontece em *Orpheu* 1, onde ainda aparece o subtítulo «duas composições de Álvaro de Campos publicadas por Fernando Pessoa»), e, no caso de Alberto Caeiro, insere mesmo operadores de verosimilhança, colocando sob o nome do autor as datas de nascimento e morte (1889-1915), e, sob cada uma das «escolhas de poemas» as datas da sua escrita, a primeira (1911-1912) e a segunda (1913-1915). O caso de Álvaro de Campos é singular, pois as suas publicações são todas em prosa ensaística, e a primeira («O que é a Metafísica?», n.º 2) apresenta-se como uma discussão de certos pontos do editorial que Pessoa colocara na abertura do n.º 1, seguindo-se nos n.ºs 3 e 4 um artigo capital, «Para Uma Estética Não-Aristotélica». A singularidade de Álvaro de Campos acentua-se mais pelo facto de Mário Saa resolver entrar no jogo, publicando um artigo em que polemiza com Álvaro de Campos, sendo que nessa intervenção refere por duas vezes que o talento de Álvaro de Campos é «só



Capa do primeiro número

comparável ao de Fernando Pessoa». Ou seja, na órbita cultural dos modernistas é corrente que Álvaro de Campos é outro nome de Pessoa.

Para além do artigo introdutório do n.º 1, que enaltece o sentido de aperfeiçoamento cultural que está ligado ao nome escolhido para a revista («Não se aprende a ser artista; aprende-se, porém, a saber sê-lo. [...] Cada um tem o Apolo que busca, e terá a Atena que buscar»), Pessoa publica uma série de 16 poemas sob o seu próprio nome no n.º 3, e traduções suas de Poe, O. Henry e Walter Pater. Apresenta os *Últimos Poemas* de Sá-Carneiro, que fora seu amigo dilecto, tal como inclui Almada Negreiros, António Botto, Raul Leal, Augusto Ferreira Gomes, Luiz de Montalvor, Mário Saa e publica poemas de Henrique Rosa, irmão do padrao e muito seu próximo. Como se pode ver, *Athena* é uma revista talhada à perfeita imagem de Pessoa e do seu íntimo círculo afectivo.

Com uma outra componente importante: a parte dedicada às artes plásticas e arquitectura, dirigida por Ruy Vaz, que inclui artigos e várias páginas de reproduções, e em que surgem com muito relevo Almada Negreiros e Mily Possoz,

para além de outros artigos e reproduções em que o clima quase académico da revista por vezes assoma.

Sabe-se, entretanto, que *Athena* começa por ser pensada no final dos anos 10 como um periódico destinado a projectar apenas um dos aspectos do universo heteronímico, o Neopaganismo. Assim, chega a ser prevista com o subtítulo *Cadernos de Cultura Superior*, com um sumário que inclui apenas António Mora, Alberto Caeiro, Fernando Pessoa e Ricardo Reis (PPC 385), e, do mesmo modo, com o subtítulo de *Cadernos de Reconstrução Pagã* e direcção de António Mora, entra na programação da editora Cosmópolis, cerca de 1919 (LDTSC 49). De notar ainda que, quando a revista se concretiza em 1924, existe um plano de edição, conexo com ela, de uma série de cinquenta pequenas antologias de autores portugueses, desde Bocage a Ângelo de Lima, e ainda clássicos como Horácio ou Omar Khayyam, e modernos como Edgar Poe ou Mallarmé (E3 48-12).

Fernando Cabral Martins

ATLÂNTIDA. Por razões várias, entre as quais os ventos republicanos, anarquistas e socialistas e o sucesso recente de um produto que, inventado em Setecentos, se interpunha entre o jornal (ou o folheto) e o livro, o início do século XX favoreceu o aparecimento de numerosas revistas mais ou menos culturais e literárias. No período que vai de 1900 a 1915 apareceram, entre outras, *A Crónica*, *Sombra e Luz*, *Gazeta Ilustrada*, *Revista Nova*, *Ilustração Portuguesa*, *A Revista*, *Portugália* (a de 1903, ignorada pelo Dicionário de Daniel Pires, 1996), *Arte & Vida*, *Revista Literária* (do Funchal, da Figueira, e de Lisboa), *O Herald*, *Ilustração Popular*, *A Águia*, *Figueira*, *A Vida Portuguesa*, *A Rajada*, *A Labareda*, *A Renascença*, *Orpheu*, *Atlântida*. Editadas quase todas em Lisboa ou no Porto, mensais, quinzenais ou até semanais, de curta ou, raramente, longa duração, muitas delas previam de modo mais ou menos explícito o mercado brasileiro, como já antes algumas publicadas em Paris, como *Dois Mundos* (1877-1881) e *A Ilustração: Revista Ilustrada para Portugal e o Brasil* (1884-1892), ou em Lisboa, como o quinzenário generalista *Brasil-Portugal*, que começara a publicar-se em 1899. *A Águia* tinha correspon-

dentos e várias lojas de venda no Brasil. O *Orpheu* trazia por baixo do subtítulo «Revista Trimestral de Literatura» a indicação «Portugal e Brasil», e apresentava-se sob a dupla direcção de um português, Luís de Montalvor, e de um brasileiro, Ronald de Carvalho, ainda que só dois brasileiros nele tenham colaborado. A *Atlântida*, que logo na capa se dizia «Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brasil», e que teria muitos colaboradores brasileiros, aparecia também sob a dupla direcção do poeta e crítico português João de Barros (1881-1960) e do jornalista e cronista brasileiro João do Rio (pseudónimo de Paulo Barreto, 1881-1921). O projecto de uma revista «que defendesse e representasse as aspirações e os interesses comuns do Brasil e de Portugal» (n.º 1, p. 93), ou que, contra o «desconhecimento literário» mútuo, pudesse «erguer até ao conhecimento perfeito e amável das suas tendências e dos seus esforços as duas nacionalidades» (id., p. 9), nascera meia dúzia de anos antes num prolongado diálogo entre o editor portuense Lello, então muito empenhado na publicação de brasileiros, João do Rio, que visitara Portugal em 1909, João de Barros, que se tornara grande amigo deste, e o escritor luso-brasileiro Manuel de Sousa Pinto. «Por várias vezes os directores [...] tiveram de desistir da sua ideia» — «lembaram os próprios. Mas, apesar da então «péssima situação económica de quase todo o mundo», com a garantia do apoio do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e do seu equivalente português a revista sairia em Lisboa em 15 de Novembro de 1915 (não 15 de Janeiro de 1915, como se lê no *Dicionário da Imprensa Periódica* de Daniel Pires). Sairia sem indicação de editor mas com indicação do impressor (Imprensa Libânio da Silva, Lisboa) e teria 48 edições, concluídas certamente em Março de 1920 e não em Janeiro de 1920, como admite Daniel Pires.

Ao longo desses anos, em que conheceu muitas dificuldades e, a partir do n.º 31 (Maio de 1918), muitas irregularidades na saída, pouco foi mudando no formato, inferior ao de uma folha A4, no número aproximado de páginas (100), no grafismo sóbrio, valorizado com quadros, desenhos, vinhetas e fotografias de Almada Negreiros (n.ºs 10, 26 e 28) e José Pacheco (n.º 18), assim como de Alberto de Sousa, António Carneiro, António Soares, Carlos Reis, Columbano, Cris-